



O fazer artístico como criação e conhecimento

RELATOS DE UMA SALA
DE AULA DIFERENCIADA

Fátima Bulcão
Arte Educadora

Para Paola
In Memoriam

AGRADECIMENTOS

A Maria Elvira Queiroz da Silva, companheira de sala de aula, meu muito obrigada por sua dedicada participação.

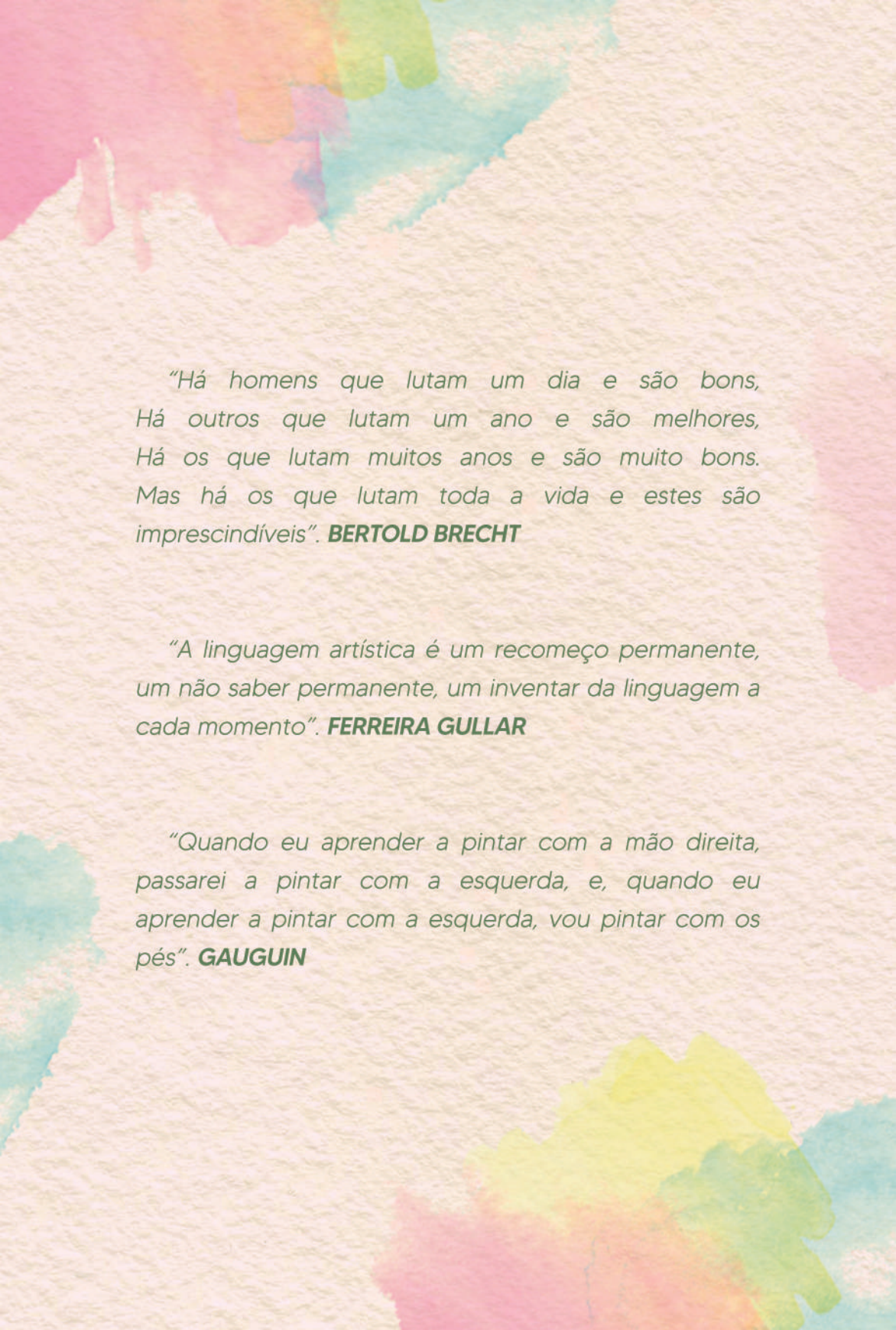
As voluntárias, tão importantes!

A Secretaria de Educação de Pernambuco, Gerência Regional Norte.

Ao NACC - Núcleo de Apoio a Criança com Câncer, onde os trabalhos foram executados, durante o período em que estive cedida a instituição, pela Secretaria de Educação de Pernambuco, como Arte Educadora na sala da entidade.

Meu agradecimento especial as crianças em tratamento de câncer, albergadas na instituição que lecionei, razão do encantamento deste livro. Eternamente grata a magia que suas leituras de vida propiciam, desde a visão dos grandes mestres a fantasia de suas tenras idades, onde o sonho convive com a realidade tão dura do momento que vivenciam.

Agradeço a Mariana Souto pelas fotos que traduzem tão bem o trabalho realizado.



*“Há homens que lutam um dia e são bons,
Há outros que lutam um ano e são melhores,
Há os que lutam muitos anos e são muito bons.
Mas há os que lutam toda a vida e estes são
imprescindíveis”.* **BERTOLD BRECHT**

*“A linguagem artística é um recomeço permanente,
um não saber permanente, um inventar da linguagem a
cada momento”.* **FERREIRA GULLAR**

*“Quando eu aprender a pintar com a mão direita,
passarei a pintar com a esquerda, e, quando eu
aprender a pintar com a esquerda, vou pintar com os
pés”.* **GAUGUIN**

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- 1-VOLPI - GRANDE BANDEIRA - 2017
- 2-PAINEL MATISSE - 2017
- 3-TARSILA DO AMARAL - PAINEL OPERÁRIOS - 2017
- 4-GUSTAVO KLIMT - ÁRVORE DA VIDA - 2018
- 5-RELEITURA DE PICASSO - 2018
- 6-RELEITURA DE J. BORGES - BICHO FEIO - 2018
- 7-COLORINDO AS MENINAS DE VELÁSQUEZ - 2018
- 8-OS GIRASSÓIS DE VAN GOGH - 2019
- 9-PAINEL DA PRIMAVERA - 2017
- 10- CARTÃO OBRIGADO

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

PREFÁCIO

1 INTRODUÇÃO

2 ARTE EDUCAÇÃO E ARTE TERAPIA: diferenças

4 RELEITURA DA OBRA DE ARTE: o que aprendi
em olhar

4.1 VOLPI

4.2 MATISSE

4.3 TARSILA DO AMARAL

4.4 GUSTAV KLIMT

4.5 PICASSO

4.6 J.BORGES

4.7 VELÁSQUEZ

4.8 VAN GOGH

5 TRABALHOS DESENVOLVIDOS

5.1 CARINHAS

5.2 A PRIMAVERA

5.3 CARTÕES

6 HISTÓRIAS MOTIVACIONAIS / INSPIRADORAS

7 O ENSINO DAS DICCIPLINAS

REFERÊNCIAS

APRESENTAÇÃO

O que leva um professor a tornar a decisão de iniciar um processo de contar sua história, contar sua trajetória? Uma demonstração pública de uma experiência que realizou na sala de aula? O que faz romper sua privacidade, sua particular relação íntima com seus alunos, para torná-la pública?

Segundo Hernández (2006), no texto “Desafio de Tornar Pública uma Experiência”, da publicação do Instituto Arte na Escola,

A noção do saber pessoal extrai o seu fundamento das contribuições de Dewey sobre a experiência e o aprendizado significativo. Seguindo essa linha, os aprendizados importantes são os descobertos e apropriados por uma pessoa. Aprendizados que se tornam mais significativos quanto maior é a importância que se dá a uma pessoa, à educação pessoal, ao interesse, à participação, à atividade e aos sentimentos, além dos aspectos cognitivos. O saber pessoal torna-se, então, o resultado dessas experiências e da relação sobre elas. Algo que acontece na medida em que nos tornamos conscientes de que são valiosas. E porque somos conscientes - porque pensamos - que uma experiência realizada é valiosa - já o é para uma pessoa e, ao torná-la pública, pode ser para outras - ela é publicada e submetida a um julgamento. (HERNÁNDEZ, 2006, p. 24)

Neste contexto, e ainda segundo Hernández, a ideia de que a narrativa do saber pessoal do educador ao tornar-se público passa a ser colaborativo - pois sempre implica em reconhecer os outros -, deriva de que o conhecimento profissional e pessoal que os indivíduos tornam público pode ajudar os professores e os leitores a também compartilharem suas experiências.

Considero que o registro das ações educativas é o caminho que preserva as experiências e assim possibilita reflexões. Sendo assim, por mais singela que seja a descrição, ela é válida como a certeza que um passo vem depois do outro e os passos percorridos formam o caminho.

Este relato refere-se a três anos de atividades, de 2017 a 2019 e descreve a prática de observar a obra de arte e a partir daí, através da releitura das obras, criar situações de aprendizado, de forma lúdica e adaptada à dinâmica de uma sala de aula de formato especial, onde não há frequência regular de alunos e estes alunos estão em tratamento de saúde, especificamente em tratamento do câncer.

Valorizar o exercício do fazer artístico e buscar agregar os trabalhos desenvolvidos, de forma a dar narrativas, esta foi a prática, onde unir os desenhos individuais num grande painel destacasse o coletivo.

O aluno, ao ver seu desenho participando de um belo painel, se orgulha de estar representado. A transformação de um pequeno desenho, tipo tamanho postal, que às vezes o próprio aluno não considerou valioso, ao fazer parte do painel de vários desenhos, envaidece os pequenos criadores. A forma de apresentar confere estímulo para novas criações.

PREFÁCIO

ENSINAR EXIGE ESTÉTICA E ÉTICA

Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo

(professor do curso de Pedagogia do Centro Acadêmico do Agreste – CAA/UFPE).

A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Docência e boniteza de mãos dadas. (Paulo Freire, 2019)

Abro este prefácio com o pensamento de Paulo Freire, em destaque como epígrafe, por dois motivos: o primeiro é para homenagear Fátima Bulcão, por seu belo trabalho voltado para a educação de pessoas que necessitam de atenção diferenciada na escola, que se organiza de modo respeitoso com relação às diferenças. O que ocorreu tanto na Escola Ulisses Pernambucano, instituição estadual especializada em pessoas com deficiência intelectual e agora ocorre, nesta instituição que alberga crianças em tratamento de câncer.

Assim, posso dizer que a opção por arteducar crianças e jovens em situação especial é uma marca muito forte no trabalho realizado por Fátima Bulcão.

Para não perder o tom da história é importante lembrar: Paulo Freire além de ter sido professor da Escola de Belas Artes, contribuindo para a formação das professoras e professores de desenho, é profundamente influenciador da teoria elaborada por Ana Mae Barbosa – pois, ela sempre enfatiza que tem pais intelectuais: Noemia Varela e Paulo Freire. Fato que reverbera no campo da Arteeducação brasileira.

Além disso, Paulo Freire foi da banca de defesa do exame para Livre-docência da própria Ana Mae Barbosa na ECA-USP, na qual a arteducadora apresentou como tese o que depois publicou no livro intitulado **A Imagem no Ensino da Arte**: anos 1980 e novos tempos.

Aviso, portanto, que a leitura que elaborei, sobre o livro de Fátima Bulcão, levou-me a conexões com aspectos significativos do pensamento do patrono da educação brasileira e do pensamento de Ana Mae Barbosa.

O subtítulo deste livro - Relatos de uma sala de aula diferenciada - é uma ideia que diz muito do comprometimento de Fátima Bulcão com as crianças e jovens que sofrem por conta das marcas nascidas, como sequelas, da manifestação do câncer em seus corações e mentes - marcas físicas e marcas psicológicas. Muitas vezes exigindo dessas crianças e jovens lidar com mudanças difíceis de serem assimiladas - a dor de sobreviver à margem.

Fato que exige dessas crianças e jovens lidar com o enfrentamento da dor, da finitude, da desesperança muito cedo em suas vidas. Neste sentido, Fátima chama a atenção por meio de seu trabalho de arteducar, que a vida vale ser vivida, mesmo em circunstâncias adversas. Daí surge a luta, que é profundamente marcada pelo desafio, por isso vale inventar possibilidades.

Muitas dessas crianças, antes mesmo de experienciar o prazer de apreender o mundo, têm que aprender a lidar com o universo de exames, picadas de agulha, sangue, medo e dor. Vivem um cotidiano de busca pela vida - vida sempre a escapar. E novamente percebo um traço do pensamento de Paulo Freire no trabalho de Fátima Bulcão, pois o sentido de esperança para o educador é próximo do sentido de esperança para arteducadora. Vejam o diz o educador (Freire, 1981, p. 87): "Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e se luto com esperança, espero".

A atitude, ressaltada por Freire, percebo no gesto de arteducar proposto por Fátima Bulcão, e é aí que ela deixa transparecer seu olhar mais atento, delicado e amoroso para com o processo de arteducar crianças marcadas pela dor.

Partindo de uma perspectiva freiriana de educação e que a mesma pode ser levada para a prática pedagógica a ser realizada dentro de uma ambiente hospitalar - Pedagogia Hospitalar - como faz Fátima em seu trabalho com crianças e jovens enfermos, a mediação das relações e aprendizagens é um papel que deve ser desempenhado pelo educador com bastante alegria, afetividade, dialogicidade, onde a criança/jovem deve ter o seu lugar de fala e o educador o seu lugar de saber ouvi-los, interpretar suas vozes e buscar o equilíbrio emocional minimizando as tensões causadas pelos sentimentos de tristeza, sofrimento e dor em função do tratamento de saúde e do distanciamento escolar da criança internada numa unidade hospitalar.

Na obra Pedagogia da Autonomia, o educador e filósofo Paulo Freire diz que sempre se preocupou em desenvolver sua prática educativa em um clima de alegria (FREIRE, 2019, p.70). Outro ensinamento aprendido com o pensamento de Paulo Freire e muito presente no trabalho de Fátima Bulcão é que na prática educativa a afetividade impulsiona positivamente a cognição da criança e do jovem e deve ser expressa com alegria e esperança promovendo a autonomia e a vontade de viver tanto do educador quanto do educando. (FREIRE, 2019, p.142) e o atendimento pedagógico afetivo e respeitoso realizado no ambiente hospitalar favorece tanto à educação quanto à saúde e ao bem estar do interno numa unidade de saúde.

Podemos, por isso, até ariscar a afirmar que na práxis, (diálogo entre teoria e prática) de Fátima Bulcão, há um outro forte traço do pensamento freireano. Refiro-me aos princípios dos círculos de cultura e aqui tomo de empréstimo a sistematização elaborada por Carlos Rodrigues Brandão (2019, p. 81) - estudioso profundo do pensamento de Freire - ressaltando o primeiro e segundo dos quatro princípios que regem os Círculos de Cultura.

Reafirmo, portanto, que observo na práxis arteducativa de Fátima Bulcão a manifestação, desses princípios. Especialmente dos dois a seguir:

1. Cada pessoa é uma fonte original e única de uma forma própria de saber, e qualquer que seja a qualidade deste saber, ele possui um valor em si por representar a representação de uma experiência individual de vida e de partilha na vida social.

2. Assim também cada cultura representa um modo de vida e uma forma original e autêntica de ser, de viver, de sentir e de pensar de uma ou de várias comunidades sociais. Cada cultura só se explica de seu interior para fora e os seus componentes 'vividos e pensados' devem ser o fundamento de qualquer programa de educação ou de transformação social (grifos do autor).

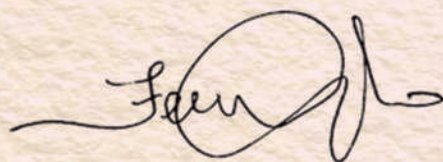
Quem conhece a trajetória de Fátima Bulcão na escola Ulisses Pernambucano, provavelmente vai lembrar da exposição - Com você meu mundo ficaria completo - exposição que provocou um impacto na vida cultural do Recife pelo fato de um museu abrir seus salões para expor trabalhos de crianças e jovens de uma escola pública que atendia pessoas que necessitavam de outros modos de ensinar para poder realizar aprendizagens, isto é, pessoas que eram consideradas deficientes.

Fátima, amiga querida, eu nunca esquecerei a referida exposição e aqui acrescento que você retoma e reabre, com seu trabalho nesta instituição, os pensares das grandes mestras: Nise da Silveira e Noemia Varela. Lembrando que, a primeira lutava por meio da psiquiatria por um hospital sem muros e muita Arte e a segunda, lutava por uma escola sem muros e com muita Arte. Ao estudar a narrativa de seu livro observei o quanto o seu pensamento e o seu trabalho, dialogam com as lutas das duas

grandes mestras por uma educação que inclui e acolhe as diferenças.

Por este motivo, fiquei extremamente lisonjeado com o seu convite para escrever este prefácio e para concluir, afirmo: este livro é necessário por provocar impacto no campo da Arteducação pernambucana, imprimindo um olhar para o processo de arteducar crianças e jovens em situação diferenciada. Na verdade, Fátima Bulcão, nos convida a buscar um processo de arteducar que privilegia a Arte como possibilidade de ultrapassar limites.

Fátima, amiga querida, todo respeito pelo seu valoroso trabalho... aprendi muito... e agradeço de coração.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Fausto', with a large, stylized circular flourish above the name.

INTRODUÇÃO

A arte através de suas linguagens é uma ferramenta que oferece ao aluno atividades que ajudam a ter uma melhor qualidade de vida. A arte educação propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e desperta uma visão estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana.

Segundo Ana Mae (2016) , existe a arte como expressão e a arte como cultura. A arte como expressão, é a capacidade de os indivíduos interpretarem suas ideias através das diferentes linguagens e formas. A arte como cultura trabalha o conhecimento da história, dos artistas que contribuem para sua transformação.

Aluna de Paulo Freire, Ana Mae desenvolveu um método de ensinar por meio da arte, conhecido como Abordagem Triangular, que se sustenta em três pilares: conhecer a história, o próprio fazer artístico, e saber apreciar uma obra de arte.

Foi baseada em seus ensinamentos que as propostas de arte foram surgindo.

Em fevereiro de 2017 iniciei as atividades numa instituição que alberga crianças em tratamento de câncer, egressa da Escola Especial Ulisses Pernambucano, onde atuei, como arte educadora na Oficina, por 18 anos.

O primeiro ano foi sobretudo de aprendizado. Observei longamente as crianças, seu ritmo, suas emoções, comportamentos, fragilidades. Fiquei rapidamente encantada com a criatividade dos pequenos que englobam uma faixa etária de 4 a 12 anos, havendo algumas variações.

Lentamente criei uma abordagem para a produção dos trabalhos. Desenhos para diversos fins, sempre com lápis grafite e lápis colorido de ótima qualidade, em cartões que eram cortados no tamanho postal. Isso permitia o começo e o fim do desenho em algumas horas, além de ser mais adequado para reuni-los em um painel maior. O objetivo era ilustrar e finalizar a proposta que podia girar em torno de um mestre da arte ou uma data comemorativa. Esses trabalhos duravam um mês ou dois, sempre envolvendo o mesmo tema.

As crianças adoram! É impressionante como são desprendidas, para, através da observação da obra de arte, às vezes com propostas bem complexas, executarem seus desenhos com livre satisfação.

A rotina da Sala de Aula consiste em receber as crianças que estão em tratamento de câncer, albergadas na instituição, ou seja, não existe frequência constante, pois, cada tratamento segue seu próprio ritmo. Um aluno pode aparecer hoje, vir por uma semana ou pode vir apenas um dia, dois dias. Tem crianças iniciando o tratamento, continuando o tratamento, apenas fazendo revisão, enfim, a sala de aula é um espaço educacional muito particular e as professoras precisam se adaptar ao atendimento diferenciado e individualizado.

Diante desta realidade atípica, a opção foi pelo conhecimento da arte, seus mestres, sua história, que guiaram os trabalhos para releituras da obra de arte, finalizando com uma apresentação em formato de um painel coletivo dos desenhos desenvolvidos ao longo do período, o que significava um fechamento, mesmo naquele universo de frequências inconstantes.

Essa escolha que se dá no intuito de despertar a capacidade de criação e ajudar a externar sentimentos, também permite compreender as expressões e as possibilidades de interagir com esse grupo de crianças tão dessemelhante, de forma a vivenciar um olhar sobre a arte.

ARTE EDUCAÇÃO E ARTE TERAPIA: DIFERENÇAS

Arte Educação, como expressão e cultura, isto é, a integração da leitura da obra de arte com o fazer artístico. Este é o pensamento da contemporaneidade sobre o ensino da arte.

Desta forma, este conceito é aplicado, e o conhecimento da história da arte, seus artistas, seus movimentos, são repassados aos alunos, abrindo seus horizontes e fazendo com que, o vasto campo da imagem das obras de arte, abram novos caminhos e provoquem inspirações.

Ana Mae Barbosa uma das vozes mais significativas da Arte Educação, onde seus ensinamentos nos motiva, vê na arte a oportunidade de aprender e educar. É considerada a principal referência no Brasil para o ensino da arte. Uma citação preciosa dessa estudiosa incansável é: “Tenho dúvida acerca de nosso poder de ensinar, mas nenhuma sobre nosso poder de aprender.”(MAE, 2002, p. 54)

Arte Terapia é uma área de atuação profissional que utiliza recursos artísticos com finalidade terapêutica (CARVALHO, 1995). É uma especialização destinada a profissionais com graduação na área da saúde, como Psicologia, Enfermagem e Fisioterapia, embora se reconheça sua utilização por pessoas formadas nas áreas das artes e da educação. Mesmo que ambas trabalhem com a criação artística, Arte Terapia utiliza esta criação para trabalhar questões ligadas à saúde, bem diferente da arte educação que não tem ligação com a saúde, embora o ato de criar seja sempre libertador, reconfortante e provoque bem estar.

SALA DE AULA HOSPITALAR

Embora a Sala de Aula da instituição que trabalhei não esteja inserida num ambiente hospitalar, algumas palavras sobre o tema são relevantes.

Eneida Simões da Fonseca, pós doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil, pesquisadora de destaque sobre o tema, com vários livros publicados, nos remete as dificuldades que as crianças hospitalizadas apresentam nos seus processos de desenvolvimento e de aprendizagem por conta da condição de saúde e da hospitalização.

Em seu livro “Atendimento escolar no ambiente hospitalar” Memnon, 2003, cita:

(...) acreditamos que dispor de atendimento na escola hospitalar, mesmo que por um tempo mínimo, e que talvez pareça não significar muito para uma criança que atende a escola regular, tem caráter importantíssimo para a criança hospitalizada. Esta criança tem a chance de atualizar suas necessidades, desvincular-se mesmo que momentaneamente das restrições que um tratamento hospitalar impõe, e adquirir conceitos importantes tanto para sua vida escolar quanto pessoal (MEMNON,2003,p.8)

As práticas educativas implementadas em espaços hospitalares não diferem, em seus objetivos básicos, das realizadas em qualquer escola. A diferença, se é que podemos destacar alguma, está nas ações pedagógicas selecionadas pelo professor, com base em seus saberes pedagógicos construídos ao longo de sua formação. Cabe a ele elaborar um planejamento não alienado ao contexto da criança, calcado no lúdico e, especialmente, voltado para a continuação do processo de aprendizagem já iniciado.

No Brasil, o número de classes hospitalares não ultrapassa 150, sendo o Rio de Janeiro pioneiro e referencia neste atendimento desde 1950.

Em Pernambuco a única Classe Hospitalar em funcionamento, a Semear, começou suas atividades em 2015, através de uma parceria entre a Prefeitura do Recife, o Hospital Osvaldo Cruz, HUOC, o Grupo de Ajuda a Criança Carente com Câncer-Pernambuco (GAC) e o Instituto Ronald McDonalds.

Segundo Eneida Simões da Fonseca (2003) é importante frisar que o atendimento pedagógico-educacional no ambiente hospitalar deve ser entendido como uma escuta pedagógica às necessidades e interesses da criança, buscando atendê-las o mais adequadamente possível nestes aspectos (CECCIM et al.,1997), e não como uma mera suplência escolar.

A criança é, antes de mais nada, um cidadão que, como qualquer outro, tem direito ao atendimento de suas necessidades e interesses mesmo quando está com sua saúde comprometida.

RELEITURA DA OBRA DE ARTE: O QUE APRENDI EM OLHAR

O foco principal de uma releitura é o conhecimento. Inicialmente aquela obra pode parecer estranha, porque não faz parte do cotidiano das crianças. Olhar e produzir um desenho que tem um elo com aquele novo conhecimento, expressar sua visão daquele quadro, dentro de sua percepção das formas, profundidade, movimento, cores, intensidade luminosa, tudo isso faz parte de olhar, conhecer uma obra de arte e através dela deixar fluir a criação.

Não é desenhar a obra, é conhecer a obra e desenhar o que a obra desperta, inspira, provoca.

Para completo exercício, é preciso conhecer um pouco do artista: sua biografia, os artistas do seu tempo, os movimentos históricos de sua época e a técnica que ele usava.

A arte é parte integrante da vida de toda sociedade e através da arte e da história, o mundo pode ser contado. A arte define tempos, mudanças, evoluções e conquistas, sendo uma necessidade para o homem, como comprovado por toda sua expressão que remonta as cavernas, passando pelos palácios, vilas e remotas civilizações.

O fazer artístico é libertador e relaxante. O ato de desenhar e pintar permite que as expressões e emoções possam aflorar e desencadear sensações de relaxamento em seu fazer de prazer lúdico.

4.1 VOLPI

Volpi é simples, é lindo, é colorido! Suas bandeirinhas encantam! Alfredo Volpi, pintor ítalo-brasileiro, considerado pela crítica como um dos artistas mais importantes da segunda geração do modernismo, cuja característica são as bandeirinhas e os casarios, nasceu em Luca, Itália, em 1896. Seus trabalhos, com vários prêmios, o colocam como um grande colorista.

O Modernismo no Brasil teve início na primeira metade do século XX. O movimento artístico, cultural e literário tem seu marco oficial com a Semana de Arte Moderna de 1922.

Fizemos várias releituras de Volpi. Em maio de 2017 ele veio para ficar. Os alunos amavam! Alguns surpreenderam, com seu olhar particular.

Vários trabalhos foram feitos e o destaque foi a grande bandeira composta por pequenas bandeiras que cada aluno fez. Reunidas, viraram uma bela bandeira inspirado na obra de Volpi.



4.2 PAINEL DE MATISSE

Em Junho de 2017 veio Matisse, igualmente lindo, simples, colorido.

Henri Matisse, nascido em 1869, foi um pintor, desenhista, gravurista e escultor francês de enorme importância, considerado uma evolução significativa na pintura e na escultura.

Apoiado no livro “Álbum Jazz”, dos trabalhos de colagem de Matisse, muitos desenhos foram feitos. Por coincidência, aconteceu nesta mesma época uma exposição na Caixa Cultural do Recife, da obra de Matisse. Levamos as crianças, que adoraram e deixaram as mediadoras da exposição de boca aberta, porque conheciam e comentavam muitas das obras ali expostas.

O conhecimento é motivador. A sede por saber, descobrir, como é bom vivenciar isso! E educação é exatamente isto: mostrar o que nossos alunos não sabem e aprender com eles, o que não sabemos. Observar a obra de arte e através dessa observação fazer seu desenho, marca a memória do aluno. Unir o fazer artístico com a visitação a museus e espaços culturais é muito produtivo para as crianças, que além das obras ali expostas, têm a oportunidade de ver espaços museológicos, normalmente prédios históricos, em toda sua exuberância.

4.2 PAINEL DE MATISSE



4.3 CARINHAS: baseado na obra Operários de Tarsila do Amaral

Tarsila passou sua infância em fazendas do interior de São Paulo. Nasceu na pequena Capivari em 1886 e essa trajetória interiorana influencia fortemente sua carreira artística. É considerada uma das principais artistas modernistas da América Latina.

Tarsila é a musa do ensino da arte no Brasil! Todo professor começa com Tarsila ou por ela passa.

Não fugindo à regra, em agosto de 2017 iniciamos as pesquisas com Tarsila, usando alguns livros com vários de seus quadros. O colorido de Tarsila realmente encanta!

Uma das propostas da releitura de Tarsila foi a obra “Operários” de 1933. Essa obra representa o processo de industrialização no estado de São Paulo, impulsionado pela imigração que tantos operários levou à capital, evidenciando a variedade étnica das pessoas que buscavam uma vida melhor, um trabalho nas fábricas.

Trabalhamos a obra Operários, criando outra obra, que denominamos de “Carinhas”. Substituindo as diversas feições das várias etnias que Tarsila destaca em seu quadro. Cada aluno fez uma “carinha” e foram dezenas delas.

Com a finalização do trabalho criamos um painel que ficou lindíssimo e a instituição transformou a composição em produtos, o que se concretizou com canecas, cadernetas de anotação, camisetas e ecobags, que passaram a fazer parte das vitrines de produtos que a instituição oferece ao público.

4.3 TARSILA DO AMARAL



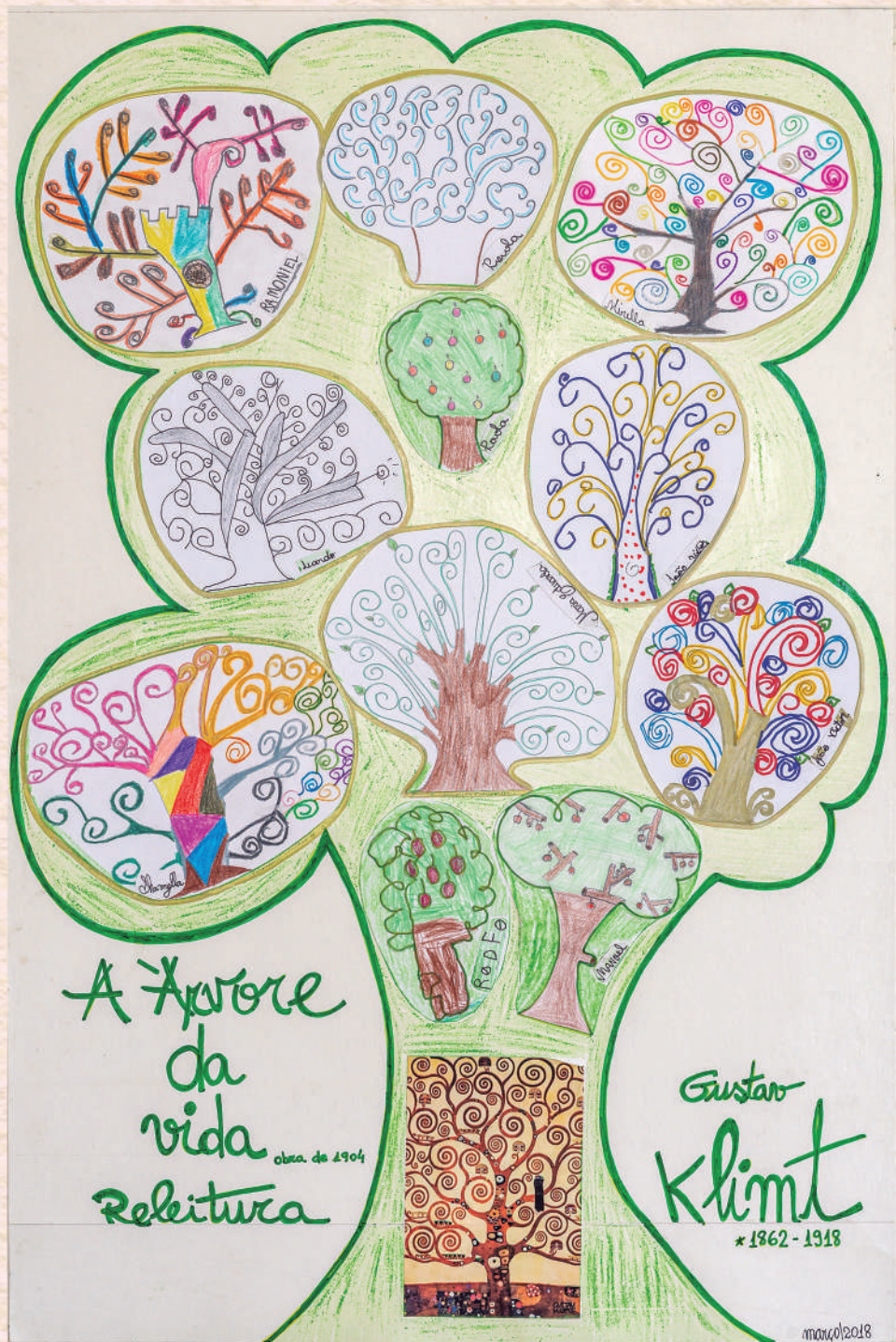
4.4 GUSTAV KLIMT

Pintor simbolista austríaco, nasceu em Viena, em 1862. Gustav Klimt recusava-se a tradição acadêmica nas artes e tornou-se famoso como decorador de grandes edifícios culturais. GUSTAV KLIMT - Árvore da Vida.

Esta obra da releitura, data de 1909 e apresenta estilo Art Nouveau. É uma obra muito recorrente nos meios do design e decoração.

As crianças criaram árvores incríveis! A imaginação dos pequenos não tem limite! Bem mais importante que uma composição “bem feita” é uma composição criativa. O olhar de cada um e sua expressão.

4.4 GUSTAV KLIMT



4.5 PICASSO

Com a obra “Cabeça de Moça”, de 1948, Picasso foi um desafio repleto de compensações.

Pablo Ruiz Picasso, espanhol de Málaga, fundador do cubismo, junto com Braque, tem uma obra instigante. Pintor, escultor, ceramista, cenógrafo, poeta e dramaturgo, Picasso é deslumbrante.

Picasso produziu uma obra tão vasta que ela é classificada em períodos, destacando-se o período azul, o período rosa e o período africano, que vão de 1901 a 1909. Sua obra mais famosa é Guernica, símbolo da liberdade do ser humano, ícone da Guerra Civil Espanhola.

Revelar sua obra para as crianças, às vezes tão pequenas, foi surpreendente! Aquela mulher de pele verde e cabelos com traços vermelhos e uma roupa um tanto quanto meio esquisita não acanhou os pequenos, muitas vezes vindos de sítios rurais, que soltaram-se na expressão do que a obra transmitia.

Complexo trabalho. Fez parte, não só a releitura, mas também a contextualização de forma adequada a cada idade. Seja criança de 4 anos ou um adolescente, falar do artista, de sua contribuição à história da arte, do seu tempo, toda esta abordagem é muito significativa, pois transporta a criança a um mundo novo, aquele mundo que viveu o artista e por conta dessa vivência sua arte explodiu. Arte não é apenas o fazer artístico, mas também sua compreensão e valorização.

PICASSO

1881 / 1973

PABLO PICASSO. Espanhol de Málaga.

Fase Azul, Fase Rosa. Cubismo,

Expressionismo.

Num homem toda a história da arte.

coordenação de arte/atividades Fátima Toldós.
Abril / 2018



4.6 J.BORGES

Pintor, cordelista, poeta, xilogravador, pernambucano de Bezerros. A releitura da obra "A Briga dos Dragões", que apelidamos de "Bicho Feio" foi um sucesso! As crianças foram transportadas a técnicas da xilogravura e ao mundo encantado dos personagens do mestre J.Borges.

J. Borges nasceu em 1935 e iniciou seus trabalhos para ilustrar seus cordéis, que hoje somam mais de 200 e são disputados por colecionadores e marchands. Expôs em Zurique, Novo México, Europa e Estados Unidos.

As crianças durante seu tratamento de câncer nos hospitais de Recife, são do interior. Muitas são da zona rural, dos escondidos recantos, das remotas paragens. Para elas, encontrar J.Borges foi como encontrar uma festa na praça da cidade.

RELEITURA J. BORGES - BICHO FEIO



4.7 VELÁSQUEZ

Diego Velásquez, pintor espanhol do período barroco, foi um grande retratista da corte do rei Felipe IV da Espanha. Sua obra famosa “As Meninas” foi o tema proposto em agosto de 2018, influência de uma viagem a Sevilha, onde o artista nasceu em 1599.

Importante retratista, Velásquez pertence ao período barroco e foi um modelo para importantes pintores, sendo considerado o “pintor dos pintores”.

As viagens e experiências vivenciadas pelos professores, também repercutem na sala de aula, pois fotos, livros e impressões seguem latentes, provocantes e são transmitidas para enriquecimento dos pequenos.

Dessa forma a proposta da observação do quadro “As Meninas” de Velázquez, aconteceu com o tema “Colorindo as Meninas”. Buscamos reproduções estilizadas na internet e foi um brincar de pintar e colorir.

Em vez de reproduzir figuras tradicionais, repetitivas, que nada acrescentam para as crianças, colorir, buscando novos motivos, é instigante.

4.8 VAN GOGH

Vicente Willem van Gogh (1853-1890), um mestre da arte, pintor impressionista holandês.

Em vida atormentado, após sua morte, um artista renomado, amado por todos.

Van Gogh, nascido em 1853, foi um pintor pós-impressionista, que criou mais de dois mil trabalhos. Sua obra é absolutamente fantástica!

Van Gogh comparece a Sala de Aula com a obra Girassóis de 1888.

A trágica história de sua vida era contada para cada nova criança que chegava à sala. Ficavam fascinadas pelo desespero do artista, sua vida pessoal conturbada. Mas o encanto era mesmo com sua pintura resplandecente. As imagens dos livros sobre sua pintura impressionaram e aqueles girassóis vivos e intensos, definitivamente conquistaram!

OUTROS TRABALHOS DESENVOLVIDOS

5.1 CARINHAS

O trabalho denominado “Carinhas”, como descrito anteriormente, foi o primeiro painel transformado em produto.

Ficou muito bonito, teve uma venda bem proveitosa e pela primeira vez um trabalho das crianças da instituição compôs um produto de venda.

Em março de 2022, mais um painel elaborado na sala de aula, resultado das releituras das obras de arte, foi transformado em produto. Os Girassóis de Van Gogh, em edição limitada, foi impresso em ecobag.

5.2 A PRIMAVERA

Sempre revisitada em setembro, a simplicidade de desenhar flores e vegetação é um tema querido.

Vivenciar o novo tempo, sentir que passou o tempo das chuvas e chegou o tempo das flores...

O tempo determina. As estações do ano também determinam. Aproveitar estes momentos é muito importante, marca uma nova estação.

Fizemos um cartaz muito delicado, recortando cada flor e ramagem desenhada pelas crianças e transformando a colagem em uma fina estampa do nascer desta estação tão esperada.



5.3 CARTÕES

Trabalhamos com papéis de qualidade, que cortamos em formato de cartão postal. No Natal ou em ocasiões especiais esses cartões tomam outra dimensão, pois a instituição presenteia seus colaboradores com as produções das crianças.

Recebemos de presente uma preciosa caixa de lápis de cor suíça! Inestimável doação da nossa querida Cristiane Paes, professora da sala de aula de 2007 a 2019, onde exerceu com relevância suas funções de professora, saindo aposentada, tendo exercido, por anos, a coordenação da sala.

Sendo a instituição dependente da ajuda dos colaboradores, agradecer as relevantes contribuições através de um singelo cartão, desenho ingênuo em sua maioria, belo, como só uma criança sabe desenhar, significa muito para quem recebe. Os cartões de agradecimento expressam a gratidão da instituição por aqueles que ajudam a manter as crianças no tratamento do câncer com os vários serviços que auxiliam o tratamento.



HISTÓRIAS MOTIVACIONAIS / INSPIRADORAS

As crianças são cativantes... algumas nos marcam tanto, que jamais vamos esquecer sua trajetória, seus rostinhos, suas conversas, seu entusiasmo por fazer as tarefas e os desenhos com tamanha dedicação que qualquer professor se vê absolutamente apaixonado!

Também nos marca a realidade de cada um, essa vivência especial.

Esse relato refere-se a um período de três anos (2017- 2019), um pequeno tempo em relação a todas as vivências que outras professoras e funcionários da instituição têm acumulado. Apenas 3 anos, entretanto, há um universo a ser descrito e compartilhado.

Galego (nome fictício), o pequeno de 4 anos de idade, inquieto e curioso, as vezes só parava quando o colocávamos no colo! Era da Zona da Mata, região de Pernambuco repleta de manifestações artísticas, tendo os Caboclinhos e Maracatus como destaques.

Galego queria ser um caboclo de lança, personagem do Maracatu. Um jogo de peças para encaixe era seu preferido e ele sempre montava, com a ajuda de um voluntário, uma lança que era a diversão maior. Sua mãe nos contava que ele gostava tanto da sala de aula que às vezes era difícil fazê-lo obedecer horários! Nós mesmas abríamos exceções, tão grande era nossa empatia por aquele lindinho! Partia nosso coração ele sair da sala chorando...

Seu tratamento era complexo, por conta disso a necessidade de muitas consultas e procedimentos. Então estava muito tempo albergado na instituição e nos alegrava com sua presença.

Maria (nome fictício) era magrinha, muito magrinha quando chegou. Também em longo tratamento ficou muito tempo frequentando a sala de aula e com ela vivenciamos lindas histórias. Maria veio do Norte do Brasil, tinha tantas particularidades que só conseguimos descobrir aos poucos. Sua trajetória, vinda do Norte, foi uma profusão de novas situações difíceis, mas ela e sua mãe mantiveram-se firmes e superaram todas as adversidades. Hoje mora em Recife.

Adorava desenhar, era caladinha, mas quando se juntava com a amiguinha predileta, as duas tornavam-se tão inventivas que nossa atenção tinha que ser redobrada, porque a traquinagem, natural de toda criança, dominava!

Ana, (nome fictício) uma criança muito especial. Encantou a todos. Muito delicada, sensível, educada, também conviveu bastante conosco. Adorava conversar, falar da sua escola, em sua distante cidade no sertão de Pernambuco. Adorava contar histórias dos seus pais e avós, do seu mundo lindo, mesmo que as vezes, no real, assim não fosse. Desenhava incrivelmente bem e era muito inteligente, se destacando em todas as disciplinas. Havia tanto carinho e afeto nesta criança batalhadora, que nossas tardes se iluminavam com sua presença.

São tantas crianças que aquecem nossos corações! Realmente é um privilégio poder estar com elas!

O ENSINO DAS DICCIPLINAS

DEPOIMENTO DE MARIA ELVIRA QUEIROZ DA SILVA

Comecei a trabalhar na Sala de aula da instituição, em fevereiro de 2012, encaminhada pela Gerência Regional de Educação de Pernambuco. Aqui chegando, antes de iniciar os trabalhos em sala de aula, tive uma conversa com a presidente da instituição, que me disse algo que eu nunca esqueci: “Você não escolheu vir trabalhar aqui, você foi escolhida.” Aos poucos, fui entendendo o significado dessa frase. Ao longo desses anos na casa, percebi o aprendizado e a evolução espiritual que temos ao conviver diariamente com os alunos, que também são pacientes e seus acompanhantes (mãe, pai, avó, avô, tio, tia, irmão ou irmã mais velho (a) ou até mesmo uma vizinha). Com as crianças, principalmente as menores, aprendi e aprendo todos os dias a valorizar as pequenas alegrias, pois, apesar de todo o sofrimento causado pela doença, tratamento, distância da família, amigos e da escola de origem, sempre chegam à sala de aula, trazendo alegria, curiosidade e disposição para aprender. E com os acompanhantes, aprendi e aprendo sobre o verdadeiro significado de solidariedade e empatia. Mesmo tendo que conviver com todo o sofrimento do paciente e com seu próprio sofrimento, são capazes de se ajudarem mutuamente. E aqui vale lembrar um pensamento muito bonito que desconheço a autoria: “Um amigo me chamou para cuidar de sua dor. Deixei a minha num canto e fui com ele.”

A sala de aula, além de possibilitar as crianças o convívio com outras crianças e de manter sua rotina de estudante é um espaço de continuidade à escolaridade, aprendizagem, desenvolvimento de habilidades motoras, memorização e de raciocínio, através das brincadeiras e dos jogos pedagógicos, desenvolvidos pelos voluntários e, desde a chegada da arte educadora Fátima, um espaço de criação artística.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Arte Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2002

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Círculo de Cultura. In: Dicionário Paulo Freire. Coordenação geral Danilo R. Strec. - 4. Ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CECCIM, R. B. et al. Escuta pedagógica à criança hospitalizada. In: CECCIM, R. B.; CARVALHO, P. R. A. (Orgs.). **Criança hospitalizada: atenção integral como escuta à vida**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

CARVALHO, M. M. M. J. O que é arte-terapia. In M. M. M. J. Carvalho (Org.). **A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia**. Campinas, SP: Editorial Psy II, 1995. pp. 23-26.

DOMENEGHETTI, Ana Maria. **Voluntariado: Gestão do trabalho voluntário em organizações sem fins lucrativos**. São Paulo: Espera, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 62. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

----- **Pedagogia da Esperança: um encontro com a Pedagogia do Oprimido**: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2003. 100 p.

HERNÁNDEZ, Fernando. O desafio de tornar pública uma experiência. In: INSTITUTO ARTE NA ESCOLA. **Arte, escola e cidadania: um prêmio e seus premiados**. São Paulo: Instituto Arte na Escola: Cultura Acadêmica, 2006. p. 24-29

PIMENTEL, Zita. **Arte, escola e cidadania: um prêmio e seus premiados**. São Paulo: Unesp, 2006.

SANCHO, Juana Maria; HERNÁNDEZ Fernando. **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.



SOBRE A AUTORA

FÁTIMA BULCÃO nasceu em Recife, em 1953. Arte Educadora, artista plástica, produtora, gestora. Nas artes plásticas iniciou em 1995, com a exposição KOSMOS em São Paulo. Seguida por Olhar o imaginário (1996), Atibaia; Sentidos tingidos (1997), São Paulo; Mãos (1998), Recife; Calcinhas (1999), instalação no Bar Pina de Copacabana, Recife; Fases da face (2000), São Paulo; e Enquanto olhava o mar (2001) São Paulo. Produtora por 10 anos do educativo da MIMO (Mostra Internacional de Música em Olinda) e das exposições de seus alunos do Ulisses Pernambucano no MAMAM (2001): Com você meu mundo ficaria completo e Memória afetiva (2002). Gestora da Torre Malakoff (2011- 2015) e titular do Albergue da Juventude Portolinda, Olinda (1987-1991). Seu primeiro livro foi de poesia - Punhal da Fadiga, publicado em 2020. O fazer artístico como criação e conhecimento - Relatos de uma sala de aula diferenciada, é sua segunda publicação.